



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

MÉRCIA ALMEIDA DE FREITAS

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E OS DESAFIOS ENCONTRADOS NO PROCESSO
ENSINO – APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DA REALIDADE DA ESCOLA
MUNICIPAL GERALDO LUIZ DE ARAÚJO, AREIAL/PB**

**CAMPINA GRANDE
2024**

MÉRCIA ALMEIDA DE FREITAS

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E OS DESAFIOS ENCONTRADOS NO PROCESSO
ENSINO – APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DA REALIDADE DA ESCOLA
MUNICIPAL GERALDO LUIZ DE ARAÚJO, AREIAL/PB**

Artigo apresentado ao Departamento do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Orientador (a): Prof^ª Dra. Joana d’Arc Araújo Ferreira

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F866e Freitas, Mercia.

O Ensino de Geografia e os desafios encontrados na prática escolar na Escola Municipal Geraldo Luiz de Araújo da cidade de Areial - PB [manuscrito] / Mercia Freitas. - 2024.
28 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Joana Darc Araujo Ferreira, Departamento de Geografia - CEDUC".

1. Ensino de Geografia. 2. Prática docente. 3. Aprendizagem geográfica. I. Título

21. ed. CDD 372.89

MÉRCIA ALMEIDA DE FREITAS

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E OS DESAFIOS ENCONTRADOS NA PRÁTICA
ESCOLAR NA ESCOLA MUNICIPAL GERALDO LUIZ DE ARAÚJO DA CIDADE
DE AREIAL - PB**

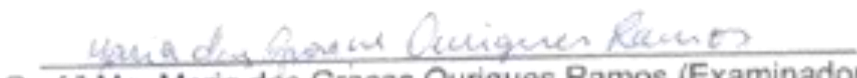
Artigo apresentado ao Departamento do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia.

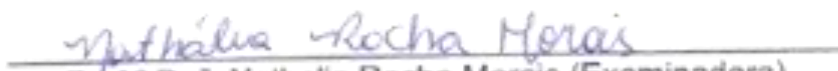
Área de concentração: Ensino de Geografia

Aprovada em: 18/11/2024

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Joana D'arc Araújo Ferreira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba


Prof.^a Ma. Maria das Graças Ouriques Ramos (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba


Prof.^a Dr.^a Nathalia Rocha Moraes (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	07
2.1	CONTEXTO HISTÓRICO DA GEOGRAFIA: CONCEITO E DEFINIÇÕES	07
2.2	A GEOGRAFIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E SEUS DESAFIOS	09
2.3	ALTERNATIVAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA	12
3	METODOLOGIA	14
3.1	CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO OBJETO DE ESTUDO	14
3.2	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA METODOLÓGICA E DO PERCURSO METODOLÓGICO	16
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS	25

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E OS DESAFIOS ENCONTRADOS NO PROCESSO
ENSINO – APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DA REALIDADE DA ESCOLA
MUNICIPAL GERALDO LUIZ DE ARAÚJO, AREIAL/PB**

**GEOGRAPHY TEACHING AND THE CHALLENGES IN THE TEACHING-
LEARNING PROCESS: AN ANALYSIS OF THE REALITY OF GERALDO LUIZ DE
ARAÚJO MUNICIPAL SCHOOL, AREIAL/PB**

Mércia Almeida de Freitas *

RESUMO

Os desafios encontrados na disciplina de Geografia no processo de ensino e aprendizagem têm grande importância pedagógica para o ensino de Geografia escolar, motivam a busca pelo desenvolvimento de atividades capazes de mostrar aos alunos que a Geografia está presente em seu dia a dia, possibilitando aos mesmos que conheçam, analisem e criem um pensamento crítico sobre as características do lugar vivido, refletindo e construindo seus próprios conceitos geográficos. Como problema, buscou-se entender: Quais os desafios encontrados na disciplina de Geografia pelos alunos e pela professora da Escola Geraldo Luiz de Araújo? Este trabalho traz, como objetivo geral: analisar os desafios encontrados na disciplina de Geografia no processo de ensino – aprendizagem. A escolha da temática deu - se a partir do momento em que percebemos a dificuldade de entendimento dos conteúdos, a falta de recursos didáticos, materiais e prática pedagógica. A metodologia da pesquisa foi de caráter qualitativa de natureza interpretativa dos referenciais teóricos específicos por pesquisas bibliográficas. Como instrumento, optando – se pelo questionário do tipo misto, realizado em agosto de 2023, com 68 alunos e uma professora da disciplina de Geografia. Após a aplicação do questionário e tabulação dos dados, os resultados comprovam que existe uma série de fatores que precisam ser aprimorados uma vez que a grande maioria dos alunos demonstrou gostar da disciplina, apesar de existir inúmeros desafios.

Palavras-Chave: Ensino de geografia; prática docente; aprendizagem geográfica.

ABSTRACT

The challenges encountered in the subject of Geography within the teaching-learning process hold significant pedagogical importance for school Geography education. They inspire the development of activities capable of demonstrating to students that Geography is present in their daily lives, enabling them to understand, analyze, and develop critical thinking about the characteristics of their lived environment, reflecting upon and constructing their own geographical concepts. The central question explored in this study is: What challenges are faced in the Geography subject by the students and the teacher at Geraldo Luiz de Araújo School? The general objective of this work is to analyze the challenges encountered in the teaching-

* Aluna do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, e-mail: merciaareial@gmail.com

learning process of Geography. The choice of this theme arose from observing difficulties in understanding the content, a lack of teaching resources, materials, and effective pedagogical practices. The research employed a qualitative methodology with an interpretative nature, grounded in bibliographic research of specific theoretical references. A mixed questionnaire was used as the research instrument, administered in August 2023 to 68 students and one Geography teacher. After administering the questionnaire and processing the data, the results confirmed the existence of several areas requiring improvement, as the vast majority of students expressed an interest in the subject despite the numerous challenges.

Keywords: Geography teaching; teaching practice; geographical learning.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia no Brasil possui uma importância ímpar no desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o espaço geográfico e as relações socioespaciais que moldam a sociedade. Fundamentado em temas que vão desde a organização territorial até as questões ambientais, econômicas e culturais, o ensino de Geografia busca capacitar os estudantes a compreenderem o mundo de maneira ampla e a posicionarem-se de forma ativa como cidadãos. A Geografia assim como outras ciências humanas, tem uma grande importância no que tange as questões da sociedade e como esta se relaciona com o espaço em que está inserida. Sendo assim, entende-se que o estudo dessa ciência venha a ser importante para a formação de um sujeito crítico em relação a compreensão da sociedade (Pereira, 2012). Embora fundamental para o mundo que nos cerca, frequentemente enfrenta inúmeros desafios no ambiente escolar, passando por provações e mudanças por muitos anos, apresentando muitas dificuldades no desenvolvimento do ensino-aprendizagem, tais percalços tem se tornado um grande desafio e chamado a atenção de muitos professores. Isso porque a Geografia no âmbito escolar tem sido vista como uma área do saber/do conhecimento. Variados são as causas dessa situação, como a falta de estrutura nas escolas, a falta de interesse dos alunos, jornada de trabalho exaustiva dos professores, entre outros fatores que colaboram com essa realidade.

No processo de ensino – aprendizagem, o ensino de Geografia tem sido marcado por intensos debates, no entanto, vale ressaltar uma das principais dificuldades, a saber, a qualificação do profissional para atuar na disciplina, a inserção qualitativa quanto ao uso das tecnologias e a falta de recursos suficientes para trabalhar a Geografia no Ensino Fundamental II. O trabalho do professor torna-se mais complexo diante das dificuldades de leitura e compreensão do mundo sobre o ensino de Geografia, muitos acreditam que se trata de uma disciplina desinteressante, elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nomes de países, rios, estados e regiões.

A Geografia Tradicional, com suas raízes no positivismo, caracteriza-se por uma abordagem descritiva e focada na memorização de fatos, como capitais, rios e fronteiras, muitas vezes desvinculada do contexto social e das dinâmicas humanas. Embora tenha sido importante em sua época, essa perspectiva limita a compreensão crítica do espaço geográfico e suas relações com a sociedade. Em contraste, a Geografia Crítica emerge como uma necessidade para promover uma prática docente que ultrapasse a mera descrição, buscando interpretar e transformar a realidade. Essa abordagem prioriza a análise das relações de poder, desigualdades socioespaciais e a interação entre o ambiente natural e as ações humanas, permitindo que os estudantes desenvolvam um pensamento crítico e reflexivo. Assim, é fundamental que o ensino de Geografia esteja assentado em práticas que conectem os conteúdos à vivência dos alunos, estimulando-os a compreender o espaço como resultado de processos históricos, sociais e políticos, e não apenas como uma configuração estática. Dessa forma, a Geografia Crítica

oferece subsídios para formar cidadãos capazes de questionar, intervir e transformar o espaço em que vivem.

Segundo Santos (2004), a Geografia crítica é uma retomada das discussões da interdisciplinaridade, o mesmo acontece quando se prega um desafio – na verdade, o princípio desta interdisciplinaridade ressalta, ainda que, para ter sucesso, precise partir do próprio objeto da nossa disciplina. Uma das principais dificuldades percebidas no Ensino Fundamental é como atuar na prática docente, em uma multiplicidade de alunos que migraram de outras escolas e trazem várias formas de conhecimentos vividos nesses anos anteriores.

A pesquisa apresentada foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Geraldo Luiz de Araújo, localizada no município de Areial – PB, a partir do Estágio Supervisionado II em Geografia, disciplina obrigatória do curso de licenciatura, com a professora regente, nas turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, nos turnos manhã e tarde. Definiu-se como o problema de pesquisa, o seguinte: Quais os desafios encontrados na disciplina de Geografia pelos alunos e pela professora da Escola Geraldo Luiz de Araújo? Este trabalho traz, como objetivo geral: analisar os desafios encontrados na disciplina de Geografia no processo de ensino – aprendizagem.

A escolha da temática deu-se a partir do momento em que percebemos a dificuldade de entendimento dos conteúdos, a falta de recursos didáticos, materiais entre outros. Visto então que o contexto educacional da instituição de ensino proporciona um campo rico para investigação, permitindo dessa forma, explorar as diversas nuances e peculiaridades que moldam a disciplina geográfico no ambiente escolar da escola alvo deste trabalho.

O trabalho foi desenvolvido respeitando a etapa das pesquisas bibliográficas e de trabalho de campo. A pesquisa bibliográfica foi realizada em livros, revistas acadêmicas, artigos, *sites* e outros que contribuíram com a temática aqui desenvolvida. Nesta etapa da pesquisa recorremos a abordagem qualitativa de natureza interpretativa dos referenciais teóricos específicos por pesquisas bibliográficas. Como explica Gil (2002, p. 50), “basicamente, procede-se a solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado, para, em seguida, mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados coletados”.

Dessa forma, foi possível ter um embasamento teórico em autores que enriqueceram este trabalho. No trabalho de campo, foram realizadas visitas, entrevistas e aplicações de questionários com os alunos da escola citada e uma entrevista com a professora de Geografia da escola que leciona do 6º ao 9º ano no Ensino Fundamental II. Como instrumento, optou-se pelo questionário do tipo misto, realizado em agosto de 2023, com 68 alunos e uma professora do Ensino Fundamental II, que leciona a disciplina de Geografia.

Assim este trabalho visou contribuir para uma melhora na qualidade e no desenvolvimento das aulas de Geografia. A partir de um diagnóstico do problema, a professora regente da escola pôde proporcionar aos alunos melhorias no ensino, como despertar o desejo da descoberta dos temas geográficos e como estas estão presentes no dia a dia de todos, fazendo parte da vida de cada cidadão.

De acordo com Silva (2004), muitas pesquisas ainda apontam a existência de um ensino tradicional, atividades em que alguns educadores seguem práticas pedagógicas ultrapassadas ou ainda, encontram dificuldades para romper o bloqueio que impede de ousar novas tendências pedagógicas, o que provoca nos alunos, na maioria das vezes, um desinteresse parcial, senão completo, pelos assuntos de Geografia. Por isso a importância de ter um olhar atento para a realidade dos alunos, bem como para a forma com que aquele aluno absorve o conteúdo, fazendo com que esse processo seja o mais proveitoso e leve para ele.

O trabalho em tela, no que concerne a sua parte teórica está dividida da seguinte forma: (I) em seu tópico 2.1, denominado como “Contexto histórico da Geografia: conceitos e definições” traz uma abordagem geral da institucionalização da Geografia enquanto disciplina

escolar, (II) no tópico 2.2 “A Geografia no processo de ensino-aprendizagem e seus desafios” – será apontado de forma específica o ensino de Geografia no contexto escolar e os desafios enfrentados por docentes e discente, (III) já no último tópico da fundamentação teórica da presente pesquisa – “2.3 Alternativas para o Ensino de Geografia”, abordaremos alguns caminhos que podem ser percorridos pelos professores para que o ensino de Geografia se torne mais dinâmico e atrativo para os discentes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Contexto histórico da Geografia: conceitos e definições

A partir do século XVI a Geografia inicia um processo amplo de descobertas, os estudos se ampliam para a conquista e exploração de novas regiões do Globo Terrestre, principalmente pelos navegadores portugueses, como descreve Santiago (2011), que as explorações realizadas no século XVI pelos portugueses, acabaram dando impulso à um conhecimento sobre a existência de diferentes regiões do Globo e sua consequente exploração. Ainda segundo Santiago (2011), posteriormente as grandes navegações do século XVI, foi a partir do século XVIII que a Geografia foi timidamente sendo reconhecida como disciplina escolar, tendo por nome “Geografia Social”, mais de um século depois, a Geografia ingressa com força pela escola alemã, sendo esta a pioneira em relação aos conhecimentos e estudos geográficos modernos, passando a constituir-se como disciplina escolar.

Já no século XX, essa área do conhecimento e de estudos escolares sofreu uma reformulação pela escola francesa, que utilizou as bases da escola alemã, mas com uma visão mais social, espalhou, por grande parte do Globo Terrestre, seus conhecimentos, inclusive no Brasil, que aplicou a Geografia nas bases francesas, quando professores, licenciados com base em pesquisas científicas e estudos aprofundados, passaram a elaborar aulas para ministrar a todas as classes de aprendizado.

No Brasil, o ideário produzido pela escola francesa chegou aos bancos escolares por meio dos licenciados, que, de posse do saber científico desenvolvido na universidade e com auxílio de livros didáticos, escritos por professores universitários, elaboravam suas aulas, produzindo um saber para os diferentes níveis de ensino (Pontuschka, Paganelli e Cacete, 2009). Nessa época, os estudos da ciência geográfica foram divididos em Geografia Física e em Geografia Humana, seguindo os parâmetros da Geografia de La Blache, como define Moreira (1994, p. 37): “[...] a Geografia divide-se em física (Humbolt) e em Geografia Humana (Ritter), que se subdividirão ao infinito”. Essa ideia reforça a origem da Geografia e sua adaptação, ambas no berço europeu moderno, entre Alemanha e França.

Enquanto disciplina escolar, a Geografia vai se consolidar no Brasil em meados de 1930, a partir da organização de cursos universitários realizados em São Paulo e no Rio de Janeiro no ano de 1934, outro fator que contribuiu para esta consolidação foi a implantação desta disciplina no ensino básico em alguns estados brasileiros, foi importante também para a sua normatização – a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros AGB, no ano de 1935. Esses e outros atos fizeram com que a disciplina de geografia ganhasse força no cenário acadêmico e escolar no Brasil, construindo assim uma comunidade de geógrafos no país (Moraes, 1991).

É válido apontar que a história desta disciplina é anterior ao período aqui apresentado, e também não pode ser marcada a partir de uma criação de uma “escola modelo” ou de um currículo pré estabelecido. A escola enquanto instituição e a geografia enquanto disciplina, passou e passa por diversas modificações e desafios ao longo da história (Albuquerque, 2012).

Ao longo de muitos anos, a Geografia era vista apenas como forma de se referir ao objeto Terra e os estudos referentes a este objeto, então saber geografia estava relacionado a saber o nome das regiões, dos rios, identificar paisagens, entre outras questões. Rocha (2014) aborda sobre a forma como a disciplina geográfica era repassada para os alunos do Colégio

Pedro II, sempre de forma distante, tratando do objeto distante para depois chegar ao local, visando um ensino dito enciclopédico, envolvendo muita descrição, muita teoria.

A disciplina não era vista como relevante para os alunos, e por vezes, nem para os professores, suas metodologias não traziam o aluno como o centro do estudo, mas sim assuntos mais globais. Isso se prolongou por todo o período imperial, onde houve poucas alterações no currículo da disciplina. Sendo assim, a geografia naquele período se caracterizava como uma disciplina descritiva, enciclopédica e mnemônica, estando dentro de um modelo dito tradicional, onde se priorizava os alunos com dotes de memorização de fatos e/ou dados geográficos (Barbosa, 2016).

Outro obstáculo que a Geografia escolar enfrentou no cenário brasileiro, foi a implantação dos Estudos Sociais no século XX, a disciplina de Estudos Sociais nada mais era que a junção das disciplinas de História e Geografia. Essa junção chega ao Brasil junto ao movimento escolanovista, influenciado pelos Estados Unidos. O objetivo principal dessa implantação dos Estudos Sociais foi barrar o pensamento crítico que estava tentando ser difundido pelas disciplinas da área de humanas, bem como a Geografia, além da difusão de uma ideologia patriótica cega (Albuquerque, 2006).

Com isso, houve diversas lutas por parte dos professores que não aceitavam e não viam com bons olhos a disciplina Estudos Sociais, e buscaram a sua desintegração. Na década de 90 esta disciplina já tinha sido extinta de quase todos os estados brasileiros, em outros porém se manteve até os anos 2000 (Albuquerque, 2006).

A Geografia enquanto disciplina escolar teve seu currículo modificado por diversas vezes, com o intuito de satisfazer as necessidades dos governos vigentes. Atualmente um dos maiores percalços enfrentados não só pela disciplina de Geografia, como várias outras, é a implantação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC e do Novo Ensino Médio – NEM, que atrelado a política neoliberal vem modificando os currículos escolares e suprimindo disciplinas com vieses críticos no cenário escolar.

A BNCC, é um documento normativo que define o nível de aprendizagem básico que todos os alunos teoricamente devem obter ao longo do semestre, norma que foi aprovada em 2017 e instituída e desenvolvida para o Ensino Médio de nível elementar. Segundo a BNCC, o ensino das ciências humanas (incluindo História e Geografia) deve priorizar o desenvolvimento de observação, memória e habilidades abstratas, para que as pessoas possam dominar melhor a realidade, dominar raciocínios mais complexos e dominar melhor os diferentes processos de simbolização e abstração (BRASIL, 2017).

Portanto, quando se reporta a BNCC, é necessário enfatizar que o campo das ciências humanas e sociais aplicadas está diante do desafio de desenvolver capacidades de diálogo, seja entre indivíduos ou grupos sociais com características culturais diferentes. Este documento propõe algumas técnicas que permitem aos alunos dominar conceitos e métodos específicos da área, relacionando os procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados selecionados, organizados e conceituados por um determinado tema ou grupo social, e os insere no espaço tempo ou situação específica (BRASIL, 2017).

A defesa existente à BNCC é uma formação que pode proporcionar aos indivíduos a liberdade de expressar, discutir e defender diferentes pontos de vista a partir da sistematização de diálogos, pensamentos e argumentos. Para tanto, os jovens podem usar criticamente as mídias existentes para expressar seus pensamentos e opiniões (BRASIL, 2017), mas para realmente fazer isso, é muito importante que os professores recebam uma formação inicial e continua, e a adoção de metodologias de ensino adequadas pode proporcionar o mundo com uma forma de desenvolver este processo crítico.

Ao analisarmos o documento ou ouvirmos o discurso de pessoas que defendem a BNCC, pode até parecer ser um documento que colabore no processo de ensino-aprendizagem, entretanto ao analisarmos a interação entre a BNCC e as políticas neoliberais presentes no

cenário brasileiro, nos emerge preocupações substanciais. Um ponto pertinente a ser destacado é a mercantilização da educação, onde a lógica de mercado se sobrepõe aos princípios educacionais. A ênfase excessiva na competitividade pode comprometer a busca por uma educação inclusiva e equitativa, que são elementos trazidos pela BNCC. Por este motivo é importante o olhar atento dos professores e demais profissionais que compõem o cenário educacional, frente as políticas que estão sendo implantadas, de forma especial, é importante que os professores de Geografia resistam ao que está posto nessas bases, para não fazer com que a disciplina geográfica perca seu viés crítico.

2.2 A Geografia no processo de ensino-aprendizagem e seus desafios

A Geografia, enquanto disciplina escolar, desempenha um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para a formação integral dos estudantes ao promover a compreensão do espaço e das relações que nele se estabelecem. Contudo, seu ensino perpassa obstáculos complexos que vão desde a estrutura curricular até a abordagem pedagógica adotada em sala de aula, Barbosa (2020) expõe quê:

Ensinar Geografia é um constante desafio. Ao somarmos ao ensino as necessidades críticas que balizarão o mesmo somamos ainda mais desafios, ou seja, nos últimos anos (pós muro de Berlim) as transformações econômicas, tecnológicas, sociais e políticas tornaram muito mais complexas os conteúdos de ensino. O ensino de Geografia a partir da abordagem tradicional nunca foi simples, pois a Geografia trabalha com muitos conteúdos, quando propomos uma Geografia dialética e crítica aprofundamos os desafios, pois não bastam os conteúdos, é fundamental relacioná-los a objetivação de mundo, a uma prática cotidiana encaminhada para a subtração dos problemas sociais, econômicos e ambientais (p. 32).

Dessa forma, para ensinar Geografia de maneira eficaz não é suficiente transmitir informações; é essencial conectar esses conhecimentos com a realidade cotidiana e os desafios enfrentados pela sociedade, incentivando a busca por soluções e o engajamento ativo dos alunos na transformação do mundo.

A aprendizagem da Geografia no Ensino Fundamental representa um processo de continuidade. Neste ciclo, o aluno deverá avançar teórica e metodologicamente, em relação ao campo epistemológico da Geografia dos ciclos anteriores. No terceiro ciclo o estudo da Geografia poderá recuperar questões relativas à presença e ao papel da natureza, assim como sobre a sua relação com a ação dos indivíduos, dos grupos sociais e, de forma geral, da sociedade na construção do espaço. Para tanto, a paisagem local e o espaço vivido são as referências para o professor organizar seu trabalho e, a partir daí, introduzir os alunos nos espaços mundializados (Morais, 1999).

A caracterização e a observação dos elementos, presentes na paisagem é o ponto inicial para uma compreensão mais ampla das relações entre a natureza e a sociedade. Por causa de questões políticas, hábitos culturais ou atividades econômicas é possível analisar as transformações que a paisagem sofre, expressar de diferentes maneiras no próprio meio em que os alunos vivem. De acordo com Vlach (2003, p. 9):

Nos ensinos fundamental e médio, a geografia é a disciplina que pode explicar às crianças e adolescentes os processos que levam a compreender porque a coexistência, contraditória e complementar, das lógicas territorial e das redes, agravou as desigualdades existentes. Afinal, o mundo em que vivemos é “atravessado” por redes de todo tipo: há redes “ilegais” ou “clandestinas”, organizadas por grupos econômicos ligados à droga, ao contrabando, ao armamento (inclusive o nuclear), entre outros, a grupos políticos radicais e/ou terroristas (como o dos fundamentalistas islâmicos),

mas o Estado e outras instituições (a exemplo das organizações não-governamentais) também possuem redes. O fato de que qualquer indivíduo pode acessá-las sem dificuldades não deve ser ignorado: a lógica das redes acentua a igualdade aparente de todos. Aliás, qualquer indivíduo (ou grupo de indivíduos) pode criar uma rede, o que explica a profusão de redes “ilegais” ou “clandestinas”.

Um dos desafios centrais é a necessidade de atualização constante diante das transformações socioespaciais. O mundo está em constante transformação/evolução, marcado por fenômenos globais, tecnológicos e ambientais que demandam um debate nas aulas de Geografia.

De acordo com Dias (2001, p. 47), “mesmo que o professor se atente a defasagem entre o conteúdo do livro e a realidade objetiva do aluno, ele não consegue articular a situação retraindo o material que utiliza. Desta forma, o livro didático continua assumindo o comando da sala de aula”. Mas é importante que o professor tenha também uma característica de pesquisador e busque sempre materiais acessíveis a sua realidade, que possa sair um pouco da monotonia da utilização do livro didático.

É possível problematizar, as interações entre o espaço global e o local, buscando suas diferenças e semelhanças, transformações e permanências, distantes no tempo e no espaço. Torna-se importante que o docente ofereça as oportunidades de um conhecimento organizado de sua área. Procurar valorizar o seu lugar de vida, tendo sempre o cuidado de lançar mão de uma didática que valorize a experiência do seu aluno. O aluno e a matéria são dois elementos fundamentais que tornam o ensino um processo dinâmico, os dois elementos interligados, pois são participativos e ativos e a ação de uma influência na ação do outro.

O professor tem uma responsabilidade muito grande e, ao mesmo tempo, liberdade na escolha do conteúdo, assim como da forma de trabalhar com seus respectivos alunos, com a intenção de atingir melhor os seus objetivos. Já que a abordagem pedagógica é um elemento chave para que os alunos vejam a Geografia de uma forma mais prazerosa, pois frequentemente esta disciplina é vista como simples memorização de informações geográficas, negligenciando a promoção do pensamento crítico e a capacidade de análise espacial dos discentes.

Transformar a sala de aula em um espaço interativo, mais participativo, incentivando debates, projetos, investigações, pode ser um caminho para tornar o ensino de Geografia mais envolvente e relevante. Dessa forma, espera-se que os alunos desenvolvam a capacidade de identificar e refletir sobre as diferentes situações, vivência e lugares. Essas práticas envolvem procedimentos de observação, problematização, descrição, registro, documentação, representação, e pesquisa dos fenômenos sociais, culturais ou naturais que compõem a paisagem e o espaço geográfico, na busca de explicações das relações e formulação de hipóteses, transformações e permanências que se encontram em interação.

É necessário o convívio do aluno com o professor em sala de aula, principalmente quando pretende desenvolver algum pensamento crítico sobre a realidade. A vivência do aluno deve ser valorizada a fim de que perceba que a Geografia faz parte do seu dia a dia. Com a ajuda do professor, ele traz, para o interior da sala de aula, a sua experiência. No ensino, alunos e professores poderão procurar entender que tanto a sociedade como a natureza constituem os fundamentos com os quais o território, a paisagem e a região são construídas. É importante que o professor planeje e crie situações de aprendizagens nas quais os alunos possam conhecer e utilizar os procedimentos de estudos geográficos.

De acordo com Vicentini (1999), a disciplina de Geografia deve proporcionar ao aluno a construção de conceitos que lhe possibilitam compreender o presente e pensar com mais responsabilidades o seu futuro. Entretanto, o que foi observado neste trabalho até aqui é que a disciplina tem se tornado desinteressante nas escolas da Educação Básica, nos Cursos Técnicos e nas Universidades.

A prática pedagógica de um professor, segundo Kearcher (2005), tem que proporcionar a construção da autonomia do educando, deve despertar no aluno o desejo de saber e de aprender. Para isso, de acordo com esse pensador, o professor precisa desejar ensinar e gostar do que faz, sob pena de exercer na docência de forma precária, pouco atrativa e sem brilho nos seus atos pedagógicos. De acordo com Albuquerque (2019):

Ainda que a contextualização favoreça a aquisição de novas aprendizagens, esta não é uma tarefa fácil, pois exige sair do habitual e colocar em prática estratégias que dinamizem o ensino, contribuindo para a formação do aluno, a fim de torná-lo crítico e reflexivo. É preciso, ainda, que o professor conheça um pouco da história de vida de seus alunos, visto que algumas falas podem impactar ou ocasionar desconforto, propiciando a dispersão caso o profissional não saiba envolver o grupo no processo de aprendizagem ou até mesmo como reagir diante dos fatos (p.5).

Entretanto, segundo Kearcher (2005), o aluno também precisa desejar aprender, se não há professor ou aula atrativa, por mais bela que seja. Nada fará o aluno aprender sem a vontade apoiada em esforço pessoal.

A partir de análises, observações e situações vivenciadas, percebe-se que existe, nos cursos de formação de docentes (magistério), um ano de ensino de Geografia normal e um ano de metodologia da Geografia. Essa programação não é suficiente para uma base teórica satisfatória, o que acarreta um futuro desinteresse dos alunos pela disciplina de Geografia:

Pesquisas comprovam que muitos dos professores que atuam nos anos iniciais não foram alfabetizados em Geografia. As crianças chegam ao quinto ano do Ensino Fundamental (terceiro ciclo) sem a construção das noções e das elaborações conceituais que compreenderia tal alfabetização. (Castrogiovanni *et. Al.*, 2003, p.11).

Outro problema que se apresenta é a baixa carga horária das aulas de Geografia, principalmente na rede pública de ensino.

É importante ressaltar que a formação dos jovens é resultado de um processo contínuo. Iniciando – se já nos primeiros anos de vida da criança, os anos iniciais estarão trazendo os subsídios necessários para essa formação. Indo ao encontro, assim, das ideias de Callai (1998, p. 37), quando ela fala sobre a importância do ensino de Geografia nos anos iniciais [pois] são um período que a criança está aprendendo a socializar – se. (Silveira, 2007, p.13).

A autora ressalta a importância do ensino de Geografia desde a alfabetização, pois, com essa disciplina inserida, o aluno compreende o espaço em que vive. Ainda, segundo Silveira (2007, p.14), “se nos anos iniciais o objetivo principal é a alfabetização, a contribuição da Geografia é exatamente oferecer ao aluno a possibilidade de ler e escrever o mundo em que vive”. Outra questão problemática e que merece destaque se refere ao fato de a disciplina ainda ser conduzida de forma tradicional, colocando em prática a memorização. Esse processo, além de não desenvolver um senso crítico no aluno, faz com que ele fique desanimado com a disciplina, esquecendo no final do curso, ou da série, grande parte do que memorizou.

Com essa prática não se constrói um conhecimento amplo, como aponta a jornalista Cláudia Santos (2010) [...] “decoreba é cruel, porque o estudante só reproduz o que leu e não cria nada”. Essa prática, entretanto, ainda é usada por alguns educadores, prejudicando o ensino.

[...] a Geografia na escola é, na maioria das vezes, uma lição a aprender. Nas instruções ministeriais, como em muitos manuais, a Geografia se decora, não se compreende. Tal aluno, no fim do curso primário, nos diz: “Eu não gosto da Geografia, eu não entendo nada, não me lembro dos nomes dos rios, não sei onde fica o Leste ou o Oeste”. (Foucher *et. al.*, 2003, p.16).

Analisando o que os autores anteriores apontam compreende-se que o aluno, quando inserido no sistema tradicional, apenas estuda para ter a nota necessária, assim se obrigando a decorar o assunto, não vendo esse trabalho como uma fonte de aprendizado, e sim como algo sem necessidade, monótono e entediante, o que faz com que esqueça facilmente o que “estudou”.

Como pôde ser observado, a Geografia em seu processo de ensino-aprendizagem enfrenta desafios multifacetados que vão desde a necessidade de atualização curricular até a promoção de práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas. Superar esses desafios requer um compromisso coletivo de educadores, gestores e sociedade, para assegurar que a disciplina cumpra seu papel na formação de cidadãos críticos, conscientes e capazes de compreender e transformar o mundo que os cerca. Com isso, é possível e importante que os professores também busquem novas alternativas para se trabalhar em sala de aula, de acordo com a necessidade e realidade dos alunos, é sobre isso que trataremos no tópico seguinte.

2.3 Alternativas para o Ensino de Geografia

O Ensino de Geografia enfrenta constantes desafios na busca por práticas inovadoras e significativas que cativem os estudantes e os preparem para compreender o mundo em constante transformação. Nesse contexto, explorar alternativas pedagógicas se torna essencial para enriquecer a experiência de aprendizagem. Diversificar abordagens e estratégias pode não apenas despertar o interesse dos alunos, mas também pode promover uma compreensão mais profunda e crítica do espaço geográfico. É importante que o professor busque as estratégias adequadas para cada aluno, dentro de cada realidade, por estratégia Freitas (2007, p. 14), explica:

As estratégias de ensino são o modo de organizar o saber didático, apresentando diversas técnicas e recursos que possibilitem o alcance dos objetivos propostos para a atividade. Significa pensar e utilizar os recursos mais adequados para não só dinamizar as aulas, mas principalmente fazer os elos necessários entre o saber transmitido e sua sedimentação no repertório do aluno.

Fica evidente que, no ensino de Geografia, seja fundamental que os professores analisem as paisagens visíveis e não somente os conceitos, desenvolvendo, nos alunos, as “[...] lentes especiais dos olhos do professor”. (Antunes *et. Al.*, 2010, p.13). Uma alternativa promissora é a integração de tecnologias digitais com o ensino de geografia, de acordo com a faixa etária dos alunos e com os recursos disponíveis ou que estão ao alcance do professor. Ferramentas interativas como o *Kahoot*, *Mentimeter*, *WordWall*, *softwares* de mapeamento e recursos *online* oferecem oportunidades para explorar conceitos geográficos de maneira visual e dinâmica. A utilização de aplicativos, jogos educacionais e simulações virtuais proporcionam uma experiência mais envolvente, aproximando os estudantes da realidade e permitindo a exploração de fenômenos geográficos de forma interativa.

No momento em que o conteúdo é repassado aos alunos há uma absorção momentânea, que não significa que os alunos estejam “gravando” o que lhes é repassado. Se, na visão dos alunos, essa informação estiver sendo desinteressante ou monótona, eles não irão aprender, como apontam Antunes *et al.* (2010, p.16) “toda informação considerada sem graça, chata ou repetitiva é imediatamente bloqueada no primeiro filtro”. Por isso, o educador não deve reger suas aulas usando uma metodologia tradicional, monótona, ou sem dinâmica, pois, dessa maneira, apenas estará repassando o conteúdo proposto, sem grande êxito no desenvolvimento e no aprendizado dos educandos.

É preciso, diferentemente, fazer da aula um momento de estímulo, com novidades, dinâmicas, “prendendo” a atenção dos alunos e envolvendo-os no conteúdo. O professor precisa tomar a iniciativa e transformar os conteúdos, ou seja, como sugerem Antunes *et al.* (2010, p.16), precisa “[...] tornar os conteúdos conceituais com os quais trabalha algo interessante, novo, surpreendente, colorido, grande, desafiador”. É importante lembrar que não se pode colocar toda a responsabilidade no professor para se ter uma inovação no ensino. Também a instituição onde esse profissional da educação está trabalhando precisa dar suporte necessário para realizar essas metodologias.

Muitas vezes, as dificuldades que os alunos encontram na disciplina estão associados a falta de suporte, como apontam Oliveira, Chagas e Alves (2012, p.67): “[...] muitos alunos têm bastante dificuldade para entender e compreender os conteúdos [...], pois afinal a maioria das escolas ainda é bastante carente de recursos materiais e pedagógicos”. É necessário que o professor de Geografia associe o conteúdo a situações marcante pois isso ajuda o aluno a fixar os conteúdos e a recordar os fatos.

Um exemplo disso pode ocorrer durante uma explicação em sala de aula, quando busca usar exemplos do dia a dia para associar com conceitos abstratos segundo Antunes *et al.* (2010), o professor de Geografia deve sempre despertar a curiosidade de seus alunos fazendo com que eles se sintam desafiados a buscar o conhecimento, evitando usar métodos ultrapassados do sistema tradicional e que visam apenas memorizar, pois decorar (nesse sentido de memorizar) não quer dizer que o aluno aprendeu, ele acrescenta:

Dessa forma, podemos dizer que uma aula é boa quando produz nos alunos a construção de uma aprendizagem que os leva a se transformarem e, ao mesmo tempo, torna – os capazes de atribuir significações ao que aprenderam transferindo o aprendido para outras situações e circunstâncias e revelando capacidade de preservar o essencial. (Antunes *et al.*, 2010, p.47).

Uma prática interessante para as aulas de Geografia é o uso de textos com notícias, como sugere Antunes *et al.* (2010, p. 62): “o texto não se apresenta como fato geográfico nem era intenção do jornalista que fosse, mas é nessa hora que cabe ao professor de Geografia transformar o texto em um fato geográfico [...], desde que tenha relações com o tema que se esteja trabalhando. Outra alternativa que também contribui e pode reforçar o ensino de Geografia, é a revisão das grades curriculares na formação do docente, pois a formação inicial deve estar ligada a sala de aula.

A gamificação, ou seja, a aplicação de elementos de jogos no contexto educacional, pode transformar a sala de aula e as aulas de Geografia em um ambiente mais lúdico e participativo. A criação de desafios, competições e recompensas pode motivar os alunos, incentivando no engajamento e na assimilação de conceitos geográficos de maneira descontraída. Isso não apenas torna a aprendizagem mais prazerosa, mas também estimula a cooperação e a criatividade.

Os jogos tem como principal característica a ludicidade, e acaba reduzindo a pressão que muitas vezes é exercida dentro da sala de aula, servindo com um “quebra-gelo” para promover a interação entre aluno-aluno e professor-aluno. Além disso, é aceito por todas as idades e é uma forma muito boa de fazer com que os alunos aprendam o que lhes foi transmitido nas aulas (Verri e Endlich 2009; Passini 2010).

Uma metodologia muito instigante principalmente na disciplina de Geografia, é a aula de campo, sobre ela Oliveira (2009, p.198) comenta:

A aula em campo é uma atividade extrassala/extraescola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a mobilidade espacial; realidade social e seu complexo amalgamado material e imaterial de tradições/novidades. É um movimento que tende elucidar sensações de estranheza,

identidade, feiura, beleza, sentimento e até rebeldia do que é observado, entrevistado, fotografado e percorrido. E ainda temos a certeza que essa aula não gera apenas isso. Eis alguns descaminhos antigos, difíceis, mas que podem ser corrigidos.

A aula de campo na Geografia é fundamental, pois proporciona uma experiência prática que vai além do aprendizado em sala de aula. Permite aos alunos observar, investigar e aplicar conceitos em ambientes reais, promovendo uma compreensão mais profunda da geografia física e humana. Além disso, estimula o interesse, a curiosidade e a conexão com o conteúdo, tornando o aprendizado mais significativo.

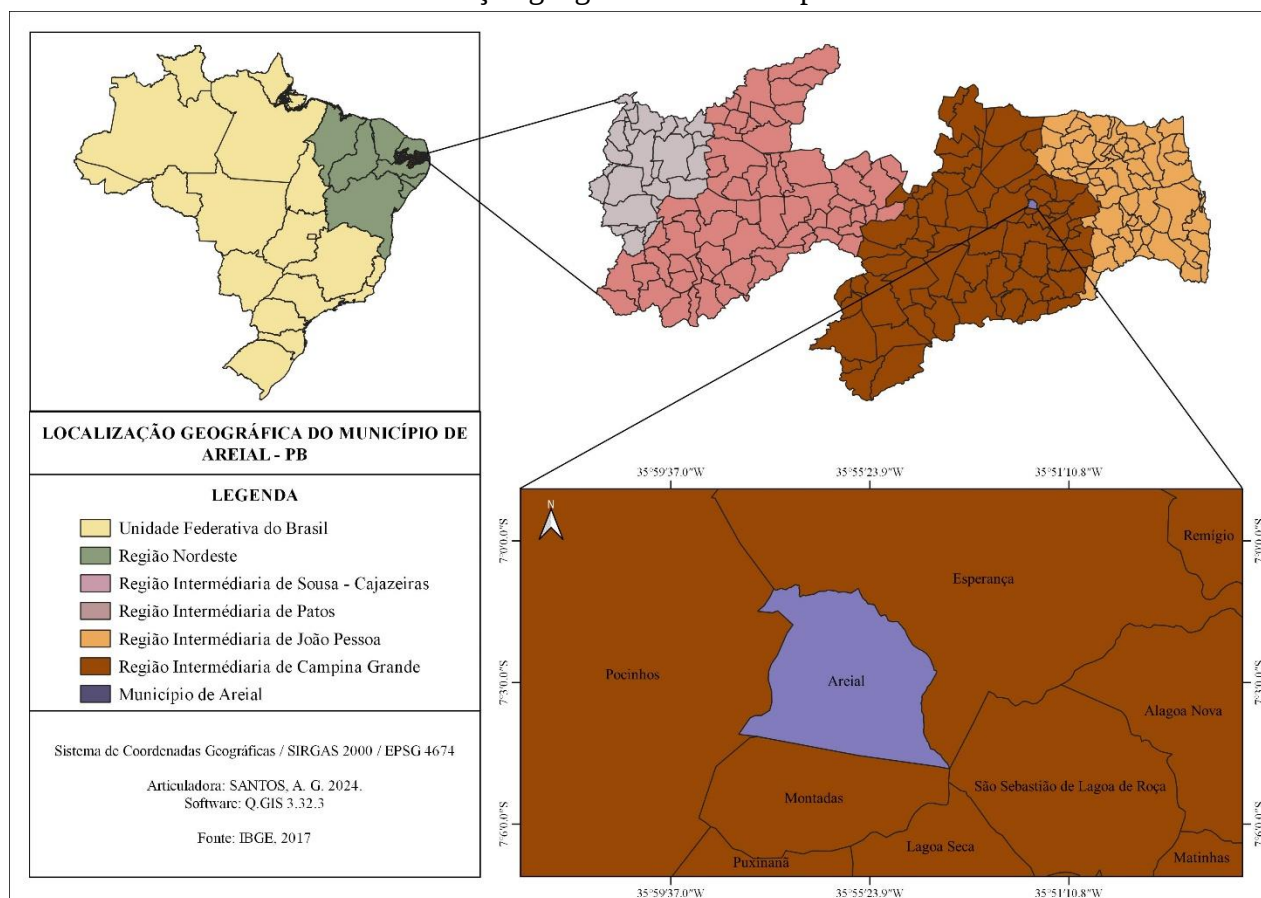
Essas e outras são alternativas muito válidas para se trabalhar nas aulas de Geografia, é importante que antes de utilizar qualquer tipo de recurso ou nova metodologia o professor esteja ciente de como e quando vai ser utilizado, além de sempre ter um plano B, caso algo não saia como planejado. A junção entre uma boa base teórica aliada a boas metodologias faz com que as aulas de Geografia sejam mais proveitosas para professores e alunos.

3. METODOLOGIA

3.1 Caracterização geográfica do objeto de estudo

A pesquisa em tela teve como objeto de pesquisa a Escola Municipal de Ensino Fundamental II Geraldo Luiz de Araújo, localizada na rua Miguel Gomes número 26, centro da cidade de Areial – PB. O município de Areial se situa no estado da Paraíba no nordeste brasileiro, abrange uma área territorial de 35,81 Km², estando situado na região intermediária e imediata de Campina Grande, Messorregião do Agreste Paraibano e Microrregião de Esperança, tendo uma população de 7.128 mil habitantes, de acordo com o censo de 2022 e tem como municípios circunvizinhos: Esperança, Pocinhos e Montadas (IBGE, 2023).

Este município está inserido na unidade Geoambiental do Planalto da Borborema, nos domínios da bacia hidrográfica do Rio Mamanguape. Sua emancipação política foi no dia 10 de dezembro de 1961, o município foi fundado em 1915. A cultura local são costumes de festas populares: Festa de Santo Antônio, padroeiro São José, réveillon e festa de Emancipação Política do município (IBGE, 2023).

MAPA 1 – Localização geográfica do município de Areial - PB

Fonte: SANTOS, A.G. 2024

A escola atualmente atende aos alunos do Ensino Fundamental II, totalizando 488 alunos em dois turnos, distribuídos nos horários de manhã e tarde, a faixa etária dos alunos é entre 12 e 14 anos, a maioria deles são da zona urbana do município. Muitos provenientes de famílias humildes de baixa renda. Essa instituição de ensino ministra do 6º ao 9º ano.

Figura 1: Prédio da Escola Geraldo Luiz de Araújo



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

A infraestrutura da escola não comporta receber todos os alunos matriculados, as salas de aula, tem o espaço pequeno, para atender a todos, são 30 alunos em cada sala. De acordo com possibilidades e as demandas de pais e responsáveis, a escola estruturam as turmas a fim de atender a todos da melhor forma possível. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Geraldo Luiz de Araújo é composta por 10 salas de aula, 01 sala de diretoria, 01 biblioteca, 01 sala de professores, 01 cozinha, 01 sala de almoxarifado, 01 secretária, 01 auditório, 01 quadra poliesportiva, rampas de acessibilidade, 02 banheiros para funcionários, 08 banheiros para alunos, 01 sala de AEE – Atendimento Escolar Especializado.

A mesma assim como a maioria das unidades de ensino público do Brasil, apresenta diferentes aspectos entre pontos positivos e negativos. Pode-se citar como ponto positivo a diversidade de profissionais com licenciaturas atuando em suas respectivas áreas de ensino e a estrutura física da escola em comparação com as demais unidades do município. Entretanto, como ponto negativo, a escola enfrenta como principal desafio o elevado índice de evasão escolar pelo alunado. Entre os motivos que levam o aluno a desistir da educação formal é a repetência e a necessidade de auxiliar a família com a inserção precoce no mercado de trabalho informal.

Sobre o planejamento, o mesmo é realizado bimestral, na própria escola. O calendário escolar, a mesma segue as normas da lei de diretrizes e bases da educação (LDB). A mesma sempre realiza atividades que possa estar inserindo os alunos em alguns eventos culturais. Como festa junina, semana do folclore, mês da consciência negra. A escola possui Conselho Escolar e o Projeto Político pedagógico. Os aspectos de avaliação são considerados o aspecto quantitativo sobre o qualitativo, quantidade de prontos sobre as qualidades dos alunos. Itinerários pedagógicos: projeto eco – político - pedagógico, conselhos: escolar e de classe. Programação da Sec. Estadual e da 3º Gerencia Regional de Ensino.

3.2 Caracterização da pesquisa e do percurso metodológico

O presente estudo, tem como finalidade analisar os desafios encontrados na disciplina de Geografia no processo de ensino – aprendizagem. Para atingir esse objetivo iniciamos com

uma breve descrição teórica acerca da trajetória da Geografia escolar. Procurando saber “quais os desafios e as dificuldades encontradas na disciplina de Geografia pelos alunos e pela professora que leciona a disciplina de Geografia?”. A escolha da temática deu-se a partir do momento em que percebemos a dificuldade de entendimento dos conteúdos, a falta de recursos didáticos, materiais e a desmotivação dos alunos na disciplina de Geografia.

Tendo sido desenvolvido o referencial teórico e feita a sua contextualização, a seguir apresentamos os procedimentos adotados para a aquisição das informações e a descrição dos instrumentos utilizados para a pesquisa. Segundo Andrade (1987, p. 65), “abordagens atuais da Geografia têm buscado práticas pedagógicas que permitam colocar, aos alunos, as diferentes situações, de modo a construir compreensões novas e mais complexas a respeito”.

Conforme alertou Triviños (1987, p.137), existem três tipos de questionários, sendo eles:

- Aberto: propõe questões com respostas abertas, oferecendo ao sujeito maior liberdade de resposta;
- Fechado: com perguntas e respostas pré-selecionadas e os entrevistados têm apenas uma opção de escolha;
- Misto: tipo escolhido para esta pesquisa, pois apresenta questões de diferentes modalidades exigindo respostas abertas e respostas fechadas.

Na presente pesquisa foi utilizado o questionário do tipo misto, contendo perguntas abertas e fechadas, com 68 alunos das turmas do 6º ao 9º ano, e uma professora de Geografia que leciona a disciplina nas turmas do 6º ao 9º ano na Escola Geraldo Luiz de Araújo. No que concerne a sua caracterização metodológica a pesquisa se apoia em uma pesquisa com abordagem qualitativa e quantitativa.

De acordo com Flick (2009, p. 43):

Um estudo poderá incluir abordagens qualitativas e quantitativas em diferentes fases do processo de pesquisa sem concentrar-se necessariamente na redução de uma delas a uma categoria inferior ou em definir a outra como sendo a verdadeira abordagem da pesquisa.

Como explica Gil (2002, p. 50), em relação a abordagem quantitativa, ela “basicamente, procede-se a solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado, para em seguida mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados coletados”. Já no que se refere a abordagem qualitativa, Ludke e André (1986) apontam que a mesma apresenta como característica principal a descrição dos dados, sendo estes dados descritivos e obtidos mediante um contato direto do pesquisador com a situação/sujeitos estudados.

Zanella (2013), também pontua que para que o pesquisador utilize o método qualitativo, ele necessita de algumas habilidades, sendo elas: capacidade para ouvir, organização no registro, paciência, perspicácia para observar, entre outros. O trabalho foi desenvolvido respeitando a etapa das pesquisas bibliográficas e de trabalho de campo com uma professora da disciplina de Geografia, parte de sua história e seu desenvolvimento científico, bem como compreender os entraves e problemas do ensino.

A pesquisa foi realizada entre os dias 11 e 25 de setembro de 2023, com a professora da disciplina de Geografia e com os alunos matriculados na instituição de ensino que cursavam do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Contribuíram para a pesquisa 68 alunos e uma professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Geraldo Luiz de Araújo. A análise dos dados dos sujeitos foi realizada com a intenção de revelar quais os maiores desafios para a professora de Geografia no ensino da disciplina e as dificuldades encontradas pelos alunos frente à disciplina.

Primeiramente, pela análise das questões fechadas, estabelecemos um paradigma quantitativo com a aplicabilidade de métodos de estatísticas descritivas e a expressão gráfica dos dados.

Na segunda parte, analisamos os dados obtidos nas questões abertas, utilizando técnicas que possibilitam a análise do conteúdo, permitindo um processo simultâneo de coleta e análise de dados.

Após a aplicação do questionário e a tabulação dos dados, os resultados comprovaram que existe uma série de fatores que estão deixando a disciplina muito confusa para os alunos, contribuindo para um aumento em seu desinteresse. Mesmo que a grande maioria dos alunos demonstrou gostar da disciplina de Geografia, eles a veem não a concebendo como complemento da grade curricular, não a concebendo como uma disciplina dinâmica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tanto os resultados como os desafios devem ser o eixo do conhecimento e das reflexões. Conforme a temática de nossa pesquisa questionamos os alunos sobre o seu interesse frente a disciplina de Geografia. Os dados coletados foram os seguintes.

Gráfico 1 – Respostas obtidas a partir da pergunta “Você gosta da disciplina de Geografia?”



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Dos 68 alunos entrevistados, 31 responderam que não gostam da disciplina de Geografia, o que corresponde a 46% dos alunos que responderam ao questionário, como mostra o gráfico 1. Isso demonstra o quanto a disciplina precisa de mudanças para tornar-se mais atrativa para os alunos. As mudanças precisam ser realizadas em relação a elaboração dos conteúdos didáticos, aos conteúdos (para que se aproximem ao máximo da realidade dos alunos de cada região brasileira), oportunidades aos professores na busca de capacitações e qualificações, inserção das tecnologias nos ambientes escolares e oferta de recursos pedagógicos, tecnológicos aos alunos.

Na tabela 1 temos alguns relatos dos alunos em relação a esta pergunta, vale ressaltar que os alunos foram denominados por A seguido de um número, então todos tem como denominação A1, A2, A3, sucessivamente até o A68:

Tabela 1 – Relatos de alguns alunos que responderam “NÃO” para a seguinte pergunta “Você gosta da disciplina de Geografia?”

A1 “As aulas têm muitas leituras, o que acaba se tornando enfadonho.”

A4	“Os conteúdos estudados estão fora da nossa realidade.”
A25	“O livro didático é muito ruim, muito texto, dá até sono na aula.”
A41	“Textos muito longos, muita leitura, deixando a aula cansativa.”

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A outra parte dos alunos – 37 para ser mais precisa, sendo 54% do total, afirmou que até gosta das aulas de Geografia, principalmente no que diz respeito aos conteúdos, relacionados à globalização, territorialidade e preservação ambiental. Na tabela 2 temos alguns relatos.

Tabela 2 – Relatos de alguns alunos que responderam “SIM” para a seguinte pergunta “Você gosta da disciplina de Geografia?”

A3 “Gosto das aulas principalmente quando começamos a falar da biodiversidade existente em nosso planeta e local.”

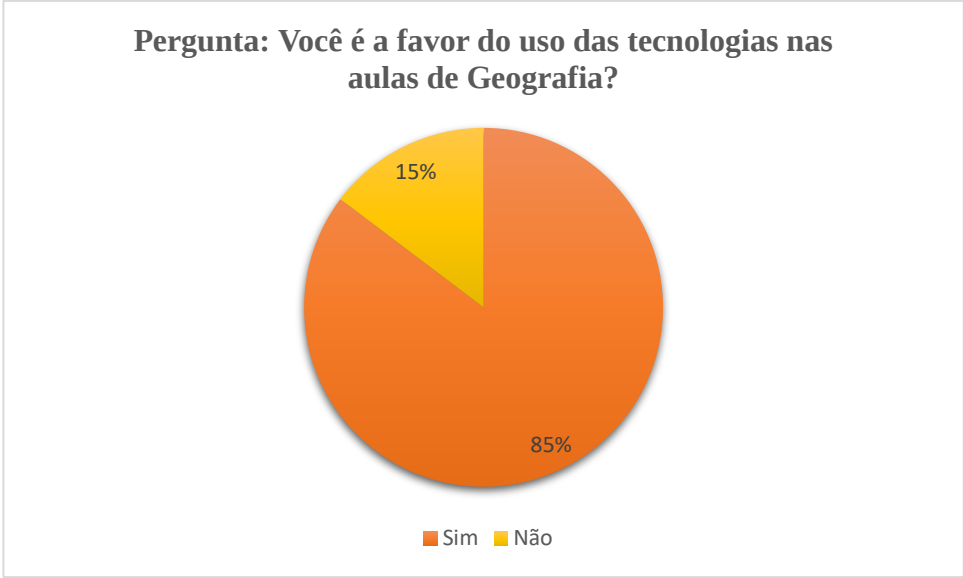
A38	“Adoro quando vejo imagens de plantas e animais que não conheço e aprendo sua forma de vida e seus habitats.”
------------	---

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Reconhecendo todas as dificuldades enfrentadas pelos professores de Geografia, os dados deixam evidente o quanto o sistema de ensino se encontra defasado, necessitando de transformações didático-pedagógicas.

Quando questionados sobre o uso de tecnologias nas aulas, obtivemos essas respostas:

Gráfico 2 – Respostas obtidas a pergunta “Você é a favor do uso das tecnologias nas aulas de Geografia?”



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Foi analisado o número de alunos que demonstraram ser favoráveis à utilização de tecnologias nas aulas de Geografia, com uma expressiva maioria de 58 estudantes apoiando essa prática. Esse resultado evidencia o reconhecimento, por parte dos alunos, da relevância das tecnologias como ferramentas pedagógicas capazes de tornar as aulas mais dinâmicas, atrativas e conectadas às suas vivências cotidianas. Na Tabela 3, observa-se relatos que reforçam essa percepção, indicando que os alunos veem no uso de tecnologias uma oportunidade para diversificar os métodos de ensino e facilitar a compreensão de conceitos muitas vezes abstratos.

No entanto, apesar dessa aceitação, é crucial refletir sobre os desafios que acompanham a integração tecnológica no ambiente escolar. Entre eles, destacam-se a formação docente adequada para manusear e aplicar as ferramentas digitais de forma pedagógica, a infraestrutura precária em muitas escolas públicas e o risco de as tecnologias serem utilizadas apenas como um recurso complementar, sem a devida articulação com os objetivos de ensino. Dessa forma, embora a maioria dos alunos demonstre entusiasmo com o uso das tecnologias, é necessário um planejamento pedagógico sólido e crítico, que assegure que esses recursos sejam utilizados não apenas para atrair a atenção dos alunos, mas como meios efetivos de construção de conhecimento geográfico e desenvolvimento do pensamento crítico.

Tabela 3 – Relatos de alguns alunos que responderam “SIM” a seguinte pergunta “Você é a favor do uso das tecnologias nas aulas de Geografia?”

A4	“É um ambiente em que os alunos se sentem mais familiarizados.”
A6	“Tem grande volume de armazenamento de dados e de informações.”
A11	“A internet é muito importante, transformou – se em uma ampla fonte de pesquisa”

A18 “Possibilidade de vicenciar muitas experiências sem sair da sala de aula.”

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Em pleno século XXI, ainda encontramos alunos resistentes a essas mudanças que a tecnologia está proporcionada ao processo de ensino – aprendizagem. Uma minoria, 10 alunos, foi contra o uso das tecnologias nas aulas da disciplina, na tabela 4 observamos alguns dos seus apontamentos sobre o uso deste recurso.

Tabela 4 – Relatos de alguns alunos que responderam “NÃO” a seguinte pergunta “Você é a favor do uso das tecnologias nas aulas de Geografia?”

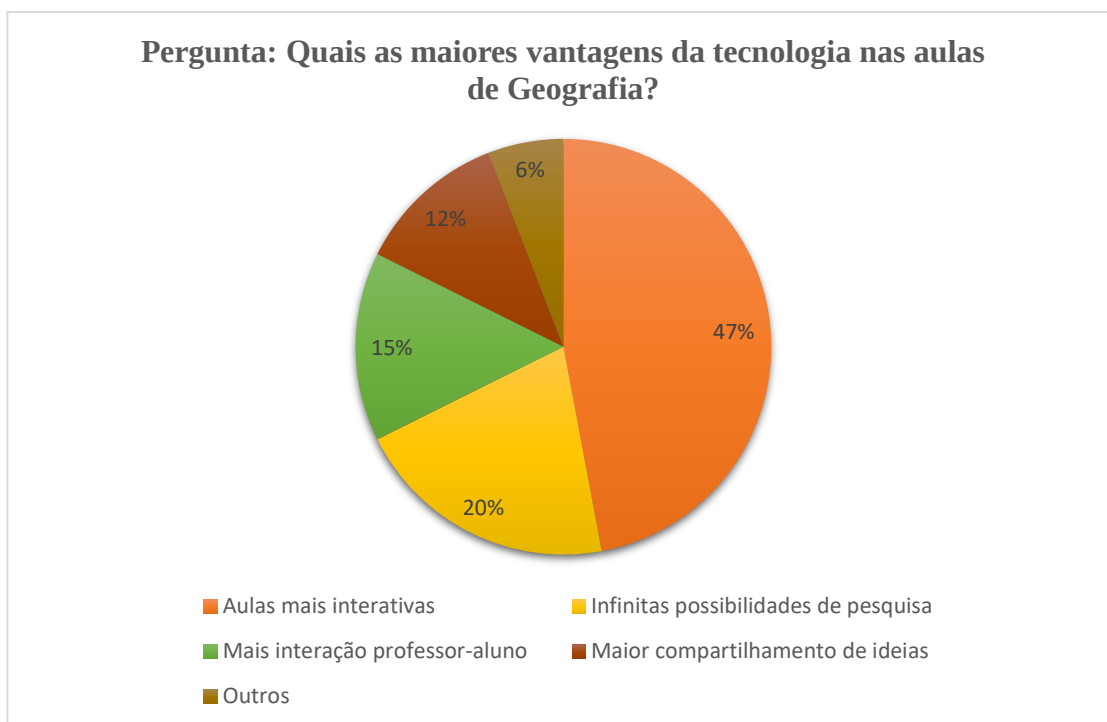
A22 “Nossa escola não tem estrutura para oferecer acesso a todos os alunos e em casa muitos de nós não temos disponibilidade de tais tecnologias.”

A48 “Moramos na zona rural, onde as dificuldades de sinal telefônico são enormes, por isso na maioria das vezes ficamos impossibilitados de acesso à internet.”

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Os professores não podem mais ignorar os recursos tecnológicos disponíveis, porque há tempos que o livro didático e os professores deixaram de ser as únicas fontes de conhecimento, portanto é preciso que os professores modifiquem suas atitudes. As resistências as inovações se expressam na ação dos professores em assumir, teórica e praticamente, disposições favoráveis e uma formação tecnológica (Libânio, 1998). Sobre a utilização das tecnologias como ferramentas de ensino, a cada dia, vemos que vem ganhando espaço e, até mesmo, em alguns lugares, se tornando a única forma de ensino disponível. Assim, questionamos sobre o uso destas tecnologias.

Gráfico 3 – Respostas obtidas a pergunta “Quais as maiores vantagens da tecnologia nas aulas de Geografia?”



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Dessa forma, 32 discentes disseram que a maior vantagem das tecnologias é tornar as aulas mais atrativas. Em seguida, 14 responderam que as vantagens das tecnologias, principalmente da internet, ampliam o mundo de possibilidades de pesquisas, pois são milhões de informações que estão a um clique dos usuários, basta saber filtrar o que é necessário e essencial. Neste contexto, entra o papel do professor, o mediador que ajuda a selecionar as informações, 10 dos alunos entendem as ferramentas digitais como uma vantagem principal entre professor e aluno. Sobre o uso de instrumentos digitais Morin (1999), discorre:

O professor precisa de uma formação de cunho epistemológico e não somente instrumental frente as tecnologias educacionais propiciadas pelas redes digitais, para que tenha formação técnica pedagógica necessária à reformulação do conhecimento, sua produção e partilha, de modo a tornar possível e real a aprendizagem (Morin, 1999, p.27).

A Tecnologia educacional deve levar o professor a buscar uma melhor mediação didático-pedagógica das práticas tecnológicas. Sobre o compartilhamento de ideias, 8 alunos justificaram o termo como uma vantagem das tecnologias nas escolas. Devido a enorme fonte de busca de informações disponíveis é muito mais prático e rápido buscar novas ideias e também as compartilhar.

O quarto questionamento foi uma pergunta aberta, sendo ela “quais seriam as maiores dificuldades encontradas pelos alunos na disciplina de Geografia?”. Diante dos desafios que a ciência geográfica enfrenta, a forma como ela deve ser ensinada acaba tendo papel de destaque. A reflexão e a posterior crítica da realidade que se espera dos educandos dependem da forma como é construído coletivamente o conhecimento.

Selecionamos algumas respostas para expressar o ponto de vista dos alunos:

Tabela 5 – Relatos obtidos a partir da pergunta “Quais seriam as maiores dificuldades encontradas na disciplina de Geografia?”

A19 “Aulas muito monótonas, envolvendo leitura e pouca aula de campo.”

A31	“Falta de conteúdos mais voltados para a nossa realidade, que retratam a nossa vivência.”
A56	“Aulas pouco atrativas, conteúdos voltados para outras regiões do Brasil e livro didático ruim.”
A61	“Estudar conteúdos nos quais temos mais conhecimentos, a exemplo do nosso clima, da nossa fauna e flora, nossa pluralidade de cultura, etc.”

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Segundo Santos (2004, p.37) “a Geografia crítica é uma retomada das discussões sobre a interdisciplinaridade. O mesmo acontece quando se prega um desafio. Na verdade, o princípio da interdisciplinaridade e, em geral, em todas as ciências, ressalta a partir do próprio objeto da nossa disciplina”. Uma das principais dificuldades percebidas no Ensino Fundamental é exatamente o fato dela ter sido bastante marcada pela aprendizagem de conteúdos de Geografia, e de suas diversas especialidades, sem uma boa reflexão de seus vários significados e de como atuar na prática docente em uma variedade curricular.

Outra questão recorrente é a dificuldade que muitos professores de Geografia têm em tornar suas aulas atrativas para os alunos. Muitos problemas passam pelo desinteresse dos alunos em tornar a matéria acessível, fazendo com que a prática docente se torne difícil e, às vezes, até traumática. Portanto, no último questionamento aberto, apontamos “quais seriam os maiores desafios encontrados pelos alunos para que as aulas de Geografia se tornassem atrativas?”. Obtivemos as seguintes respostas:

Tabela 6 – Relatos obtidos a partir da pergunta “Quais seriam os maiores desafios encontrados para que as aulas de Geografia se tornassem atrativas?”

A19 “Que fosse considerada a realidade do aluno. Às vezes é interessante o professor fazer comparações entre tema da aula com a nossa realidade.”

A22	“Seria interessante a utilização de músicas, filmes, pode mostrar que o tema é vivenciado por outras pessoas.”
A26	“Aplicação de jogos ou práticas (exemplos: dinâmicas, gincanas, miniolimpíadas).”

A49

“Seria bom, tornar o uso das tecnologias uma realidade dentro da sala de aula, dessa forma vai diversificar o processo de ensino aprendizagem.”

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Para Fink (2003, p.39), “a aprendizagem significativa é aquela em que o ensino resulta em algo verdadeiramente significativo aos alunos, pois, na aprendizagem sempre haverá uma vontade de alcançar resultados importantes, que levam a mudanças para a vida”. Se o ensino não está sendo relevante para os alunos ou repassado de forma interessante, possivelmente eles não absorvam muito do que está tentando se repassar nas aulas, muito menos levar os ensinamentos para o seu cotidiano.

Dando prosseguimento à nossa análise dos dados coletados por meio da pesquisa direcionamos um questionário a professora com duas questões abertas, para que ela expressasse suas opiniões e necessidades. Abordamos quais seriam suas “maiores dificuldades” e seus “maiores desafios” na sala de aula.

Quanto às “**maiores dificuldades**” encontradas, a professora afirmou que:

“Passa pelo processo de ensino – aprendizagem a forma que os conteúdos são colocados pelos coordenadores e livro didático. Outra questão é a falta de interesse dos alunos, não há preocupação em pesquisar, de melhorar a leitura e compreender textos e resolução das atividades propostas”.

Quanto aos “**maiores desafios**” encontrados, ela afirmou:

“A implantação de aulas mais diversificadas. A inserção de mais ferramentas pedagógicas, tecnológicas, pois esse é o mundo em que nossos adolescentes estão inseridos. E a disponibilização por parte dos gestores e equipe pedagógica de capacitações continuadas seria uma forma de reciclagem e incentivo”.

Fica evidenciado o quanto nossos professores ainda sofrem, necessitando de ajuda, contudo, são barrados pelas problemáticas sociais, pela falta de estrutura na educação, superlotação em sala de aula e baixos salários. Essas questões fazem com que muitos professores tenham que pegar muitas turmas e não consiga fazer um plano de aula bem elaborado com vários recursos e didáticas diversas, já que, muitas das vezes ele terá mais de 10 turmas, para poder ganhar salário minimamente digno.

Em suma, a falta de investimentos e muitas vezes infraestrutura na educação impõem desafios significativos tanto para professores quanto para alunos. Professores se veem limitados em oferecer métodos inovadores e recursos adequados, impactando diretamente na qualidade do ensino. Já os alunos enfrentam obstáculos no acesso a materiais e tecnologias essenciais para uma aprendizagem completa. Essa lacuna compromete o desenvolvimento educacional e, conseqüentemente, o futuro de toda uma sociedade. Investir na educação é investir no progresso, na formação de cidadãos capacitados e na construção de um caminho sustentável para o crescimento coletivo.

5 CONCLUSÃO

Neste trabalho entendemos que a escola precisa de uma nova dinâmica para impulsionar o ensino público no Brasil. É possível e deve partir de entendimento entre professor e alunos,

que uma melhor aula pode funcionar como a metodologia em si baseada no cotidiano da sala de aula, ou seja, como instrumento pedagógico, assim como pode se tornar até mesmo uma atividade lúdica e reduzir o aluno para a importância que deve ser dada aos estudos além de demonstrar o grau de responsabilidade que eles devem ter nessa fase estudantil.

A Geografia é uma disciplina que forma cidadãos, por isso os educadores devem ter consciência que ela deve proporcionar o desenvolvimento de um indivíduo questionador, crítico e autônomo. Dessa forma, deve – se garantir que os professores tenham tempo, formação e estrutura para se dedicar à profissão. Observamos que os profissionais da área educacional devem ficar atento aos livros didáticos que estão disponíveis para suas aulas, pois muitos fragmentam o estudo geográfico, e não fazem com que o aluno compreenda a Geografia conectada e integrada a realidade, com consciência sobre o que aprende.

Com o trabalho realizado, pôde-se constatar que a maioria dos alunos não tem afinidade com a disciplina de Geografia. Esse fato mostra o quanto a disciplina precisa de mudanças e atualizações, além da elaboração adequada de conteúdos didáticos e mais oportunidades aos professores na busca de capacitações. É importante sinalizar que a maioria dos alunos que responderam ao questionário, foi favorável à implantação das novas tecnologias nas aulas de Geografia. Foi possível observar que os alunos indicam que a inclusão de tecnologias pôde tornar as aulas mais atrativas, além de ampliar o mundo de possibilidades nas pesquisas e trazer intercâmbios maiores entre o professor e o aluno.

Quanto aos desafios encontrados, os alunos afirmaram que são aulas monótonas, envolvendo muita leitura e pouca prática cotidiana, poderia ser aulas mais dinâmicas. Propõe-se, assim, que se desenvolva uma Geografia que faça parte do dia a dia do alunado, dando condições para que ele se integre, com mais propriedade, à sociedade. Dessa forma, o aluno, desde cedo, aprende a observar, a concretizar a realidade, a interpretar e a analisar criticamente os fatos e espaços, alcançando os objetivos principais da Geografia, pautadas na vivência do aluno, nas suas experiências de vida, tantas vezes, ignoradas no exercício escolar.

Diante dos desafios e dificuldades enfrentados na disciplina de Geografia da Escola Geraldo Luiz de Araújo, é evidente a urgência de medidas efetivas para melhorar o cenário escolar. Esse trabalho não apontou desafios, mas oportunidades de transformação. Investimentos em infraestrutura, capacitação docente e estímulos à participação dos alunos são fundamentais para superar essas barreiras. Ao promover a educação geográfica e de forma mais robusta, não apenas se fortalece o aprendizado, mas se contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, capazes de compreender e enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Anaquel Gonçalves. A importância da contextualização na prática pedagógica. **Research, society and development**, v. 8, n. 11, p. 488111472, 2019.

_____. Um debate acerca da origem da geografia escolar no Brasil. In. Anais do III Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico. **I Encontro Nacional de Geografia Histórica**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2012.

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins. ESTUDOS SOCIAIS: uma disciplina escolar que teve funções específicas e tempo determinado. Como tirar proveito desse exemplo? In. IV Seminário Educação e Movimentos Sociais – Democracia no Brasil desafios e perspectivas. João Pessoa: **Anais eletrônico do IV Seminário de Educação e Movimentos Sociais**. Editora Universitária da UFPB, 2006.

ANDRADE, Manoel Correia de. **Geografia, Ciência e Sociedade**. São Paulo. Ed. Atlas, 1987.

ANTUNES, Celso. Et. Al. **Geografia e didática**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.149.

BARBOSA, Maria Edivani Silva. A geografia na escola: espaço, tempo e possibilidades. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 83, 2016.

BARBOSA, T. Ensino de Geografia: novos e velhos desafios. **Caderno Prudentino de Geografia**, [S. l.], v. 1, n. 32, p. 23–40, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7467>. Acesso em: 17 set. 2024.

BRASIL – MEC – Parâmetros Curriculares Nacionais - **História e Geografia**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC) Educação é a base**. Brasília, MEC.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Apreensão e compreensão do espaço geográfico**. In: Castrogiovani, Antônio Carlos (org) **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Mediação; UFRGS, 2003. P. 11 – 81. 172 p.

CAVALCANTE, Lana de Souza. **Coleção Geografia, escola e construção do conhecimento**. 16º ed. Campinas, SP: Papirus. 2002.

DIAS, Tânia Queiroz. **Pedagogia de projetos interdisciplinares**/ Marcia Maria.

FINK, L. Dee. **Creating Significant learning experiences: an integrated approach to designing college courses**. San Francisco: Jossey _ Bass, 2003.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed.

FOUCHER, Michel. **Lecionar a Geografia, apesar de tudo**. In: Visentini, José Willian (org). **Geografia e ensino: textos críticos**. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003. P.13 - 29. 2018.

FREITAS, Olga. **Equipamentos e materiais didáticos**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. 132p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 157 p.

KEACHER, Nestor André. **A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia crítica**. Dourados, 2005. MS. 363 p.

LIBÂNIO, J. C. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 7º ed. São Paulo: Cortez, 1998.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MORAIS, A. C. R. **Notas sobre identidade nacional e institucionalização da Geografia no Brasil.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 4 nº 8, 1991, p. 166 – 176.

MORAIS, A.C. R. Geografia – Pequena história Crítica. São Paulo: HUCITEC, 1999.

MOREIRA, A. F., & Silva, T. T. (1994). **Currículo, cultura e sociedade.** São Paulo: Cortez.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, v. 35, p. 195-209, 2009.

PASSINI, E. Y. **O ensino de Geografia e a construção de conceitos espaciais.** In: CAVALCANTI, L. de S. (org.), Geografia, escola e construção de conhecimentos (p. 49-66). Campinas, SP: Papirus.

PEREIRA, Robson da Silva. **Geografia.** São Paulo: Blucher, 2012.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Tomokojoyda, CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia.** 3. São Paulo: Cortez, 2009. 383 p.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **O Colégio Pedro II e a institucionalização da Geografia escolar no Brasil Império.** In: Giramundo, Vol. 1 nº 1, jan./ jun. 2014, p. 15 – 34.

SANTIAGO, Emerson. **História da Geografia.** Net, Brasil, maio 2011. Seção Geográfica. Disponível em: <http://WWW.infoescola.com/Geografia/História da Geografia/> Acesso em 17 de agosto de 2023.

SANTOS, Claudia. **Conhecimento ou decoreba.** Agência Brasil - Seção notícias. Campinas, SP. V. 1, S/N, 2010. Disponível em: [http:// WWW.educacionista.org.br/ Jornal/index](http://WWW.educacionista.org.br/Jornal/index). Acesso em 14 outubro de 2023.

SILVA, Rosilene Pereira da. **A prática pedagógica do professor de Geografia e o interesse dos educandos pela disciplina Geografia.** São Paulo: UESP/ GT1, 2004. 11P.

SILVEIRA, Maria Gorete da. **O processo de ensino e aprendizagem de Geografia e prática pedagógica nas séries iniciais: uma investigação na escola de educação básica.** Princesa Isabel – Morro da Fumaça/ SC. Criciúma, SC, 2007. [Monografia – UNESC]. 64 p.

TRIVINOS, Augusto. N. S. **Introdução á pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa e quantitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VERRI, Juliana Bertolino; ENDLICH, Angela. A utilização de jogos aplicados no ensino de Geografia. **Revista Percurso**, v. 1, n. 1, p. 65-83, 2009.

VICENTINI, J. W. **Para uma Geografia crítica na escola.** São Paulo: Ática, 1992.

VISENTINI, José Willian. **A questão do livro didático no ensino de Geografia.** In: Visentini, José Willian (org). **Geografia e ensino: textos críticos.** 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2023. P.161 - 179. 201 p.

VISENTINI, José Willian. **Para uma Geografia crítica na escola**. São Paulo: Ática, 1999. 107 p.

VLACH, Vânia Rubia Farias. Ensino de Geografia no início do século XXI: desafios e perspectivas. **Mérida (México): Anais do Encuentro de Geógrafos de América Latina**, 2003.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. reimp. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando e acreditando no meu potencial. O amor, a paciência e o apoio incondicional que me proporcionaram foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

Ao meu esposo, por sua compreensão, paciência e apoio durante toda essa jornada. A sua presença ao meu lado me deu forças para enfrentar os desafios e continuar seguindo em frente, mesmo nos momentos mais difíceis.

Agradeço também a minha professora orientadora, Dra. Joana d'Arc Araújo Ferreira por sua dedicação, paciência e por compartilhar comigo seu conhecimento e experiência. Suas orientações foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, e sua confiança no meu potencial me motivou a dar o meu melhor.

Aos alunos e à escola Geraldo Luiz de Araújo, que participaram do experimento e contribuíram para a realização desta pesquisa, deixo meu sincero agradecimento. A participação de cada um foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho e para a construção de conhecimentos que, acredito, irão beneficiar não apenas a mim, mas também a comunidade escolar.

A todos vocês, minha gratidão por fazerem parte dessa conquista.